

TEXTOS PARA
MARIA JOÃO REYNAUD

ALBANO MARTINS

PALAVRA

Instrumento, ela seria
talvez harpa ou bandolim
ou talvez antes guitarra.
Entre o som e o sentido
a palavra se desgarra.

FERNANDO ECHEVARRÍA

FOME, ESPERANÇA, E AINDA

o pão quotidiano da fortuna.
Tudo é de todos: Deus no-lo prodiga.
Para que deles a substância nutra
a morte, trabalhada cada dia
por um ímpeto sóbrio de penúria.
Uma penúria que nos ilumina.
E àqueles de quem temos a fecunda
autoridade de pedir-nos, digna
por não ser nosso o emprestado. E sua
a luz que recebemos, na alegria
de devolvê-la, para haver só uma,
eficiente e a subir, retida
pela iluminação que nos aduna.
E ergue a morte a graça transitiva.
A fonte de visão, ainda oculta.

COMO A PENÚRIA EXULTA NA PALAVRA.

Nela assenta a apetência de um vagar
que vai levando pela tensa mágoa
de um ritmo cada vez mais eficaz.
E ainda mais pobre. Que a eficácia
abre um apuro de indigência tal
que apenas pode colmatá-la a graça,
onde a passividade avulta mais.
E, ao avultar, adquire forma. Vácuo
de sentido, por ora, mas a ansiar
com toda a exultação a tomar alma,
e, ao fundo dela, um júbilo de paz.
Aí é que a penúria cumpre. Ganha
plenitude de força. E oficia. Faz.

ENTRAVAM POR SI MESMOS. E IR ENTRANDO

abria-lhes, ao fundo da pobreza,
a liberdade, a solidão dos campos.
E uma arguta tensão de inteligência
que agia para lá de tudo quanto
enclausurara o peso da tarefa.
Que a pobreza, de si, leva o trabalho
a nomadismo. Começa
nos sacões sacudidos do arado
para rasgar mais longe a natureza.
Fica espírito livre. O desagravo,
fundado nesse ofício de indigência,
alhear-se podia dos atalhos
para trilhar a pluridade imensa,
aberta só àqueles que, entretanto,
se despiram de tudo. Nem se pensam.

A POBREZA É UMA NOITE PROMETIDA

a maior expansão de inteligência.
Desenvolve-se. Afunda a força viva.
E a altura operativa da promessa
vai expandindo o ímpeto que tinha
a apetência enigmática de festa.
Que conhecer é uma penúria activa
com recurso a retiros de evidência.
Em cada um a solidão confirma
maior procura a quanto já se pensa.
E o que se pensa é uma abertura viva
a dar para pobreza mais aberta.
A noite transfigura-se. Deriva.
E a expansão aprofunda a inteligência.

FOI POBRE SÓ PORQUE QUIS.

Procurou-se na pobreza
para, por dentro de si,
ser livre. Ter a indignância
a abrir-se. E, ao se abrir,
dar com a paciência plena
de quem sabe que, por fim,
haverá júbilo apenas.
O espírito, subtil,
modula a altura. A surpresa
dá-se, porque nada em si
atrapalha. A inteligência
é azul celeste, matiz
de liberdade. O que pensa
está despido de si.
Mas não da sua pobreza.

ERA OPULENTO DE QUANTO,

não sendo seu, lhe retinha
a surpresa agindo. O fausto
da terra a narrar seu dia.
E a narração ia entrando
onde também a da brisa
abria esplendor de campos
à pobreza comovida.
Que a pobreza tinha um alto
poder de sabedoria
— nada era seu, nem obstáculo.
Só a liberdade convinha
ao nomadismo. Os rebanhos
eram de Deus. Dele ainda
a luz a vir ao trabalho
que em todos seria dia.

O PÃO ERA DE TODOS. OS QUE O DAVAM

estavam a emprestar nada de seu.
Do alto viera aquela certa dádiva.
Em cada dia nossa. E a dever
ao trabalho rompido da lembrança
a memória da antiga lucidez.
Este de agora é-nos devido. Passa
pela pobreza de haver
um espírito afeito à indigência farta
que nos livra do mal. E de também
sofrer a inteligência. Que faz falta.
Como o pão esperado, cada vez
que plural o pedimos, para a graça
vir eficaz. E de onde sempre vem.

SÓ É POBRE QUEM QUER. É-O SOMENTE

quem, despido de si, tem a pobreza
por dentro a trabalhar. Activa, até que
lhe seja a liberdade paz imensa
de espírito submisso a quanto deve
o sentido exigir à obediência.
Que obediência e liberdade tendem.
Sua nudez inicial é apenas
o ponto de unidade onde convergem
categorias de razão diversas.
E a unidade é que conta. Dela se ergue
o espírito liberto. A divergência
sofre uma luz interior que a excede.
A polariza no sentido. A pensa
desde a sua raiz. E a funda sede
de interioridade da pobreza.

SÓ FORAM POBRES. E, AGORA, NUS,

sofrem aquela claridade imensa
que de dentro lhes vem e os reduz
a matéria sensível. A doença

quase gloriosa, embora a sua luz
nem seja sua, mas razão intensa
a remover-se, para fazer jus
à penúria que só a si se pensa.

E, pensando-se assim, a intimidade
vai sendo trabalhada pela empresa
de se rarificar. Até a idade

não ser senão um corpo de pobreza
que, acaso, se ilumina quando passa.
Mas sem dar conta de lhe advir a graça.

CADA CASA PONTUA NO CAMINHO

seu assento hospedeiro de lugar.
Ali o repouso recompõe o espírito
daquele que, alheando-se, no traz
a pobreza. O grave nomadismo
de quem procura quanto leva já.
E isso nos doa, sem saber. E disso
a casa se ilumina. E o lugar.
A mesa posta, essa, à luz do vinho,
expõe o incremento cereal
do pão que se amassou. E vai abrindo
o calor. O volume. Quanto dá
viático esplendor a todo o sítio
e enche a casa. A deixa a iluminar.

DA POBREZA NOS CHEGAM, COM A IDADE

a curtir a prudência da lavoura
e, sobretudo, o hábito de dar-se
à compenetração. Trazem a roupa
e a honradez de uma saúde grave
que o trabalho talhou. E de onde aponta
a independência, porque a liberdade
sobe feliz se nenhum peso a apouca.
De aí nos chegam. Os seus passos abrem
a inteligência. Pela terra à volta
sensíveis alargam arrabaldes
interiores a estenderem fora
a alheação de luzes eficazes.
E dessa alheação surge ordem nova
— a de uma intrepidez de liberdade
assente na palavra que a coroa.

QUEM DÁ TEM O NATAL JUNTO À LAREIRA

a abrir tesouros do que não é seu.
Do que se lhe emprestou: a inteligência
e quanto, por caminhos ínvios, vem
expor, munificente, a mesa aberta,
com o vinho e pão a rescender.
A divulgar o coração da festa
que, por ser para todos, também é
lugar ausente, de memória certa
daqueles que se foram. Que já têm
na compenetração uma tarefa
repentina. De luz onde se fez
o mistério do Verbo que não cessa
de estar verbalizando, ou a fazer.
Mas nem por isso o seu Natal de ausência
deixou de ter lugar. E de ser seu.

NATAL

UMA ALEGRIA INTERIOR FERMENTA.

Prepara a ceia onde já se expande
o efeito do pão. E o calor da mesa,
erguida à recente claridade
dos que, à volta, nostálgicos, se sentam
em memória de quantos, ao passarem,
acrescentaram esta luz intensa,
tocada por um júbilo tão grave.
Mas outros primam por uma outra ausência:
furam curvas de frio na cidade
e rasgões aluados de pobreza,
enquanto as luzes do conforto sabem
ao interdito brilho das janelas.
A alegria fermenta. A piedade,
recolhida, se expande. Estende a mesa
àqueles, generosos, que nos trazem
apenas a abundância da pobreza.
E o fermento da nova claridade.

LEVAVAM FORA O QUE NÃO TINHAM DENTRO.

A exibição da pompa, o estandarte
a dar sinal de estralejar no vento,
mesmo que o vento lhes sacuda a imagem.
No entanto, passam. Quase que só o feito
de passar deslustrou essa passagem,
de forma a haver um indelével gesto,
um equilíbrio a sustentar a parte
nadificada com que o nulo peso
usa o verniz. E uma ordem quase
cutânea de perfume, de ligeiro
ritmo de falso pundunor dançante.
O fora era verniz de nada dentro.
E o dentro tambor de vacuidade.

FERNANDO GUIMARÃES

A CASA CONSTRUÍDA POR WITTGENSTEIN PARA A SUA IRMÃ

As paredes são altas. Quis pintá-las de branco para que a luz lhes pertencesse mais. Esta casa existiu no seu pensamento e, por isso, os quartos talvez se encontrem contidos uns nos outros e os corredores sejam o seu centro. Os alicerces foram cavados fundo só para que a noite pudesse descer sobre ela. Há uma sala maior que as outras. No meio, está uma mesa onde fica entreaberto o *Tractatus*. As janelas são atravessadas pelos pássaros, mesmo que tenham vidros, porque cada ave é um conceito. Sabemos que esta casa pode ser um raciocínio ou uma metáfora. O vento chega e fará com que as cortinas estremeçam. Ali tudo foi construído com rigor. De início foram as paredes apenas linhas num papel, mas depois cresceram como se fossem campos lavrados. Em cada sala existe um candeeiro sempre aceso. Continua esta casa a ser um pensamento? Acerca disto ninguém tem a certeza

O QUE FREUD PODIA DIZER
AO SEU NETO LUCIAN

Estou velho. Foi o tempo que desceu pelos meus olhos, a luz que se apagou há muito. Já não tenho sonhos: como posso saber ainda qual é o significado da noite? Ergo os olhos para que as aves passem no céu. Elas são como os instintos, essas veias abertas que trazem consigo o nosso calor. Ainda sei descobrir alguns segredos, revelar o que se torna noutra significado, o mais oculto. Tenho esse dom, tu possuis os teus. Sempre esperei que fosses diferente de mim. Por vezes fico a olhar os teus quadros. O que descubro neles? Uma voz afasta-se e, no entanto, ela traz-nos uma súbita certeza, as letras que ficam aqui escritas para que seja a verdade capaz de as apagar depois. Tu sabes que é assim... As cores, as linhas, os volumes chegam a uma tela e são apenas a nudez, o seu repouso. Reparo nestes corpos que são pesados. Em tudo deixas uma sombra que desce e depois se torna muscular. Os sonhos que interpretei podiam ser como estes quadros. Mas não. Sempre te pertenceu a seiva que nos corpos escorre, o modo como as roupas ficam caídas, as suas pregas. Agora, abro um dos meus livros. Sem que tenha pressa, folheio-o e no ar há um movimento como se junto de mim só tu o pudesses ler.

A MORTE

Aqui, de todas as sementes
é a que mais pesa. Esperamos
por ela. Acolhemo-la e nada
podia ser tão nosso. Comprendemos
que no seu interior talvez exista
a última seiva, o rumor de outra
germinação só para que fique
próxima. Descai silenciosa
e devagar. A terra é o nosso corpo.

MÁRIO CLÁUDIO

QUATRO VERBETES PARA MARIA JOÃO REYNAUD

Call me Ishmael

O menino estava suspenso, e o seu nome ninguém o sabia.

Perdido na noite de Janeiro, a mãe pensava em cerejas. «Só as do Chile», diziam-lhe, «as que ninguém adivinha». E os relógios da cidade arrefeciam lentamente.

No seu ventre de estrelas e teias, o menino continuava a sorrir.

SUNDAY BLUES

Por aí andam, e se existem, não sabem.

A casa basta, mas os amigos só chegam pela noitinha.

O velho alemão retira a peruca empoadada, e diz: «Ser livre nada significa, tornar-se livre é divino».

INSÓNIA

Abro a página, e aí comparecem, sentinelas brancas da dúvida.
Eternas como as ondas, um lobo as espreita, ou um diabo convulso.
Desdobro o pasmo das bocas comuns, sudário de estrelas compadecidas.
A cama emudece, a noite respira.

VESPERAL

Estou diante da tua campá, quadrado de terra entre japoneiras.
O nevoeiro apaga as cores do viravento que te guarda o sono. E a tarde derrama o teu nome no silêncio.
O sábio disse: «A luz do caminho é como a escuridão».

RUI NUNES

Cemitério Judaico — Varsóvia

Placas, estelas, blocos de pedra, uns atrás dos outros, uns ao lado dos outros, subindo o morro, debaixo das árvores, inclinados para o caminho, apertando-o, tornando sinuoso o que é recto, um desvio, os melros não voam de lápide em lápide, basta-lhes saltar: asas ligeiramente abertas, pousam cautelosos, oscilantes, sobre os nomes gravados no mármore, alguns sujos de tempo, de fungos mortos sobre fungos mortos, outros de um dourado brilhante: ontem, ainda alguém os chamava e alguém respondia, nomes cheios da nitidez dos nomes que acabaram de morrer, pujantes, (pungentes?) de uma morte que não envelheceu, nomes encerrados entre duas datas, que o homem quase não consegue enxergar, todos eles sem rosto e sem história, equivalentes, amontoados em vida, no ghetto, amontoados na morte, aqui, não escapam à proximidade sufocante, às lagartixas que vão de pedra em pedra e se imobilizam de repente em palavras indecifráveis, no interior de um cheiro a musgo seco, a mofo e a podre, o mesmo cheiro (outro?) saía da grelha dos esgotos, desprendia-se das roupas enxovalhadas e acumulava-se na rua. Antecipava, neste cemitério, o hiato entre um ano e outro, entre 1939 e 1945. O homem sabe, o quê?, sabe que essa grande pausa o rodeia, construída de tudo o que falta: falta uma casa: e o vazio cresce, falta uma palavra e o vazio cresce. Falta-me o bilhete de comboio: e o vazio cresce, falta-me tempo: para ir às compras, para ir a um concerto, para jantar contigo, para dormir: e o vazio não pára de crescer: apanhará a mulher que acabou de parir, a criança que acabou de nascer, o velho que acabou de morrer. Contamina. Em redor, as árvores recortam o azul desmaiado, e nele enraízam. (aqui, não há pinheiros, nem abetos, nem castanheiros: há um nome quase abstracto: árvores.). A hera, verde concêntrico, enrola-se na pedra e torna-a cada vez mais pequena. Brutal, o que sobra: o gume: a memória fractura uma eternidade rudimentar. Como todas

